

**OS RELATOS DE UMA DISLÉXICA E SUAS VIVÊNCIAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA****THE REPORTS OF A DISLÉXICA AND ITS EXPERIENCES IN THE PROCESS OF ACQUISITION OF READING AND WRITING**

Isadora de Oliveira Souza<sup>1</sup>  
Márcia Inês da Silva<sup>2</sup>  
Natália Barbosa Lima<sup>3</sup>

43

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo definir o que é dislexia e analisar se a escola e os professores das séries iniciais do ensino fundamental estão preparados para atender as necessidades dos educandos com dislexia, garantindo a aprendizagem e o desenvolvimento educacional dessas crianças. Utilizamos metodologia narrativa, por meio de relatos de uma aluna disléxica e sua mãe. Além disso, utilizou-se livros, artigos científicos e sites especializados como apoio para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica. As considerações finais são que a criança disléxica necessita de intervenções pedagógicas no auxílio da aprendizagem, pois é na escola que ela começa a perceber seus problemas e a viver conflitos. Se os profissionais da educação não buscarem qualificação para entender e intervir durante o processo educativo dessa criança, evitando que a ela desista da escola, a instituição de ensino passará a ser um ambiente que gerará insegurança e medo ao disléxico. Entendemos, a partir das narrativas autobiográficas, a importância do diagnóstico da dislexia na pré-escola.

**Palavras-chaves:** dislexia, escrita, leitura e alfabetização

**ABSTRACT:** The present work aims to define what dyslexia is and to analyze whether the school and the teachers of the initial grades of elementary school are prepared to meet the needs of students with dyslexia, ensuring the learning and educational development of these children. We used narrative methodology, through reports of a dyslexic student and her mother. In addition, books, scientific articles and specialized websites were used to support the development of bibliographic research. The final considerations are that the dyslexic child needs pedagogical interventions to aid learning, as it is at school that he begins to perceive his problems and experience conflicts. If education professionals do not seek qualification to understand and intervene during this child's educational process, preventing them from giving up school, the school will become an environment that will generate insecurity and fear of dyslexics. We understand, from the autobiographical narratives, the importance of diagnosing dyslexia in preschool.

**Keywords:** dyslexia, writing, reading and literacy

### Introdução

O objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso é a dislexia e a escolha dessa temática é um desafio, pois existem inúmeras formas e abordagens sobre o assunto. Várias são as linhas para a conceituação e/ou definição da dislexia. Segundo Geschwind apud Muszkat;Rizzutti (2012), o conceito pode estar na origem

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS. Email: yza.gyn@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Mestre adjunta do curso de Pedagogia no Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS

E-mail:professoramarciaines@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0923546766860837>. orcid.org/0000-0002-1411-3976

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS. Email: nataliafujiclik@hotmail.com

etimológica da palavra: *dys*, significado latino como dificuldade, e */lexia*, do grego que significa palavras; com sua significação intrínseca *dys* significando imperfeito como disfunção – função anormal ou prejudicada; e */lexia* que dá a significação mais ampla ao termo palavra, como linguagem.

Ainda segundo Geschwind apud Muszkat;Rizzutti (2012), dislexia é “dificuldade específica de leitura, não explicada por déficit de inteligência, oportunidade de aprendizado, motivação geral ou acuidade sensorial diminuída, seja visual ou auditiva”. Este é um esforço para apresentar essa dificuldade no desenvolvimento da aprendizagem, para que a partir deste caminho se abram possibilidades de intervenções pedagógicas significativas para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem das crianças.

Neste estudo será apresentando o relato de uma pessoa disléxica que obteve seu diagnóstico somente no ensino médio. A partir dessa narrativa faremos uma análise sobre as propostas pedagógicas para as séries iniciais e as necessidades dos(as) alunos(as) com dislexia. Apresentaremos possibilidades de intervenções pedagógicas que contribuirão para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças que tenham essa necessidade educacional específica.

O desenvolvimento do trabalho tem como objetivo refletir se a escola e os professores estão preparados para promover a inclusão dos alunos com dislexia. Se estes profissionais sabem o que é dislexia, as causas, diagnósticos e se estão prontos a ajudarem uma criança a enfrentar esse distúrbio sem que ela se sinta discriminada. O trabalho também tem como objetivo conceituar a dislexia, mostrando até que ponto as escolas estão preparadas para receberem alunos disléxicos, como é a relação professor/aluno disléxico/família, analisando também a importância do desempenho do disléxico já na pré-escola e narrando as dificuldades enfrentadas pela aluna e sua mãe, exemplos desse estudo.

Será utilizada a revisão bibliográfica para ampliar nossos conhecimentos científicos. O estudo de caso, a partir da narrativa de Isadora de Oliveira Souza - aluna disléxica - trará para a temática uma contextualização próxima à realidade vivenciada. Assim, vislumbrando que esses recursos tragam evidências qualitativas para a compreensão da dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental.

A narrativa da aluna Isadora e a de sua mãe mostram as consequências da falta de estrutura nas escolas e dos profissionais que, muitas vezes, tratam esses alunos como desinteressados e/ou preguiçosos. A mãe mostra a luta na busca de alternativas para manter essa aluna motivada, procurando ajuda externa. Entendemos que essas narrativas podem ser esclarecedoras aos educadores, uma vez que as pesquisas sobre esse assunto ainda são poucas.

A pesquisa narrativa de uma aluna com dislexia pode tornar pública esta luta, mostrando a importância do preparo da escola e dos profissionais da educação no atendimento aos alunos com dislexia. O educador deve estar apto a lidar com esse distúrbio, estimulando e despertando a autoestima do aluno disléxico e evitando qualquer tipo de violência, o que é muito comum no convívio escolar, como por exemplo o bullying, que é uma

violência psicológica, a qual gera rejeição, desrespeito, discriminação e outras marcas que podem trazer danos para o resto da vida.

A compreensão do que é a dislexia nas séries iniciais contribui de forma significativa no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da criança. O diagnóstico precoce do tipo de dislexia possibilitará uma intervenção pedagógica mais pontual, o que colaborará para que ocorram avanços significativos no desenvolvimento das crianças com esse transtorno. Quanto antes a intervenção, melhor será o desempenho do estudante em sua vida escolar.

A inclusão de projetos para atendimento ao aluno com dificuldade de aprendizagem pode garantir o seu desenvolvimento cognitivo, de forma a diminuir déficits ocasionados pela dislexia. A formação do professor é de fundamental importância para a garantia da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças com dislexia.

## Material e Métodos

O estudo se orienta por uma metodologia de abordagem qualitativa com revisão bibliográfica. No trabalho em questão foram utilizados: livros, artigos científicos e sites especializados no intuito de buscar teorias relacionadas ao tema. Também foi utilizado um relato de caso, buscando o entendimento e as limitações de uma pessoa portadora de dislexia, para poder compreender um pouco mais sobre as dificuldades de aprendizagem, o que leva a essa dificuldade e como identificar e lidar com uma pessoa disléxica no âmbito escolar.

## Estudos de Caso

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe.

O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global tanto quanto possível, completa e coerente do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

O estudo de caso será realizado como um dos componentes deste estudo, também Isadora, que foi diagnosticada com dislexia e narra suas experiências com a leitura e escrita, enquanto aluna, como também do seu processo de formação de professora.

## Narrativas Autobiográficas

No âmbito da educação, as narrativas autobiográficas compõem um método de construção do conhecimento que fundamentam a reflexão do fazer pedagógico e a re-significação da própria ação. Nas palavras de Connelly e Clandinin (1990), “somos narradores e personagens de nossas histórias e das histórias dos outros”. Nesse sentido, “o estudo da narrativa é o estudo da forma como os seres humanos experimentam o mundo. Essa noção geral se transfere para a concepção da educação como construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais [...]” (CONNELLY & CLANDININ, *ibid.*, p.2). Esta é uma pesquisa narrativa autobiográfica da pesquisadora Isadora de Oliveira Souza e de sua mãe Eliacy Nascimento de Oliveira, que narram as dificuldades da aquisição da leitura e da escrita.

## Conceito e características de dislexia

A palavra dislexia é cercada de inúmeras definições e muitas especulações. A dificuldade, segundo Geschwind apud Muszkat;Rizzutti (2012), pode estar na origem etimológica da palavra da qual podemos atribuir o significado latino *dys*, como dificuldade, e *lexia* como palavra; ou do grego com sua significação intrínseca *dys* significando imperfeito, como disfunção – função anormal ou prejudicada; e *lexia*, que dá a significação mais ampla como linguagem.

Esta análise nos remete à compreensão que a dislexia, de forma ampla, é uma dificuldade de aquisição da leitura, apesar da inteligência normal e da oportunidade socioeconômica adequada. Diante desta compreensão são excluídos casos de inteligência limítrofe, baixa estimulação psicossociais, erros pedagógicos e fatores de natureza emocional.

O indivíduo com dislexia teria, pois, dificuldade no uso de palavras com nível de leitura abaixo do esperado para a idade cronológica e nível intelectual, ou seja, dificuldade da criança ou do adulto em transpor para o papel (palavra) suas ideias seguindo as normas convencionais.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta a seguinte definição, conforme Geschwind apud Muszkat;Rizzutti (2012): dislexia é “dificuldade específica de leitura, não explicada por déficit de inteligência, oportunidade de aprendizado, motivação geral ou acuidade sensorial diminuída, seja visual ou auditiva.”

O autor Muszkat;Rizzutti (2012) traz a definição do National Institute of Health que considera “a dislexia um transtorno específico da linguagem de origem constitucional que é caracterizado por dificuldades em decodificar palavras isoladas, refletindo dificuldades no processo e manipulação da estrutura sonora das palavras (processamento fonológico).”

Não se descarta a possibilidade de que crianças, em condições socioeconômicas favoráveis, não tenham dislexia, o problema de aprendizagem independe de classe econômica ou social. Qualquer criança pode

apresentar dificuldade em decodificar palavras isoladas, não sendo essa dificuldade resultante de um transtorno geral do desenvolvimento ou de problemas sensoriais. A dislexia não escolhe a classe social.

Teorias de base orgânica e neurológica da dislexia têm origem no final do século XIX, o transtorno foi descoberto, conforme Muszkat;Rizzutti (2012), por Dejerine (1891), que em suas pesquisas percebeu lesões do lobo parietal inferior esquerdo, região conhecida como giro angular (centro da imagem óptica das palavras). A observação do pesquisador foi oriunda de autópsias de indivíduos que haviam perdido a capacidade de ler. Mais tarde, Pringle e Morgan (1851) notaram que certos sintomas da dislexia eram semelhantes aos indivíduos que apresentavam essas lesões cerebrais e que denominaram de cegueira visual para as palavras

Clinicamente falando, a dislexia tem predomínio, segundo Muszkat;Rizzutti (2012), no sexo masculino de 2 a 5:1, possuem ocorrência familiar e está associado a distúrbios da linguagem e práticos. A dislexia não tem ligação com o desenvolvimento neurológico do sujeito, trazendo o laudo normal para seus exames neurológicos. As crianças podem apresentar dificuldades em provas relacionadas à realização de movimentos sutis alternados e sincinesias de imitação, na mão contralateral que executa os movimentos.

O neurologista americano Samuel Orton (1925) propôs que a dislexia, na verdade, estaria relacionada à pobre lateralização das funções hemisféricas. Teoria que foi expandida somente muitos anos depois pelos trabalhos originais de Albert Galaburda e Norman Geschwind, sendo inferida um aumento da prevalência de sinistralidade (canhotos), além da relação com assimetria atípica funcional e de áreas da anatomia cerebral relacionadas à linguagem. Então, foi constatado que a dislexia é um defeito congênito no cérebro que afeta a memória visual de palavras e letras e que não é resultado de má alfabetização, nem de pouca inteligência, nem de falta de interesse da criança, há indícios que seja um distúrbio hereditário.

As crianças disléxicas apresentam várias características: têm grande dificuldade em assimilar o que é ensinado pelo professor, são muito dispersas, têm tendência em confundir ou trocar letras na alfabetização. Diante disso, Pinto (2010) afirma:

A dislexia pode ser observada já na educação infantil como a fala tardia, dificuldade para pronunciar alguns fonemas, demora em incorporar palavras novas ao vocabulário, dificuldade para rimas, dificuldade para aprender cores, formas, números e escrita do nome. (PINTO, 2010)

Com a afirmação de Pinto (2010), apresentamos a seguir algumas dificuldades apresentadas pelos disléxicos:

- dificuldades ao tentar rimar palavras e reconhecer letras e fonemas, em soletrar, ler em voz alta e memorizar o que leu, confundem as palavras e dificuldade em aprender outras línguas;
- dificuldade para entender o que ouviram, distúrbio do sono, dificuldade em manter a atenção no ato das atividades, com tendência à depressão e à timidez esquecimento ou perda de seu material escolar, confusão entre direita e esquerda;

- dificuldade em escrever e com cálculos matemáticos, sobretudo com assimilação de símbolos e tabuada, falta de memória de curto prazo, de se organizar, principalmente em se organizar dentro de um espaço de tempo;
- apresentam frequentes erros por inversão ou espelhamento de letras, reversão silábica, equivalência fonética, encurtamento de palavras, soletração bizarra, signos retorcidos, substituição fonético-semântica nos ditados, leitura labial mesmo quando em leitura silenciosa, conforme figura 1.



Figura 1 – Distúrbio na Aprendizagem da Escrita do Aluno Disléxico

Fonte: <http://pt.slideshare.net/marleneevang/distrbios-de-aprendizagem-na-escola>

De acordo com Lima (2008):

As principais características observadas na dislexia são: “alterações na velocidade de nomeação de material verbal e memória fonológica de trabalho, dificuldades em provas de consciência fonológica (rima, segmentação e transposição fonêmicas), nível de leitura abaixo do esperado para idade e nível de escolaridade, escrita com trocas fonológicas e ortográficas, bom desempenho em raciocínio aritmético, nível intelectual na média ou acima da média, déficits neuropsicológicos em funções perceptuais, memória, atenção sustentada visual (problemas na seleção e recrutamento de recursos cognitivos necessários para o processamento da informação visual) e funções executivas (planejamento, memória operacional, capacidade de mudança de estratégias cognitivas, autopercepção de erros)”.

A criança disléxica, quando compara o seu rendimento com o rendimento das outras crianças, chega até a desanimar dos estudos, por achar que não tem a capacidade de aprendizagem como as outras e se sente inferior.

É importante compreender que tudo demora mais para a criança com dislexia: escrever, ler, seguir direções e estudar. Ela tem de se empenhar mais do que seus colegas, mesmo se usar todas as estratégias de cópia disponíveis, ainda vai demorar mais que a maioria das outras crianças para terminar sua lição.

Uma tarefa simples, como procurar um número na agenda de telefones, pode se tornar complicada para uma criança ou adulto com dislexia. O disléxico não é pouco inteligente. “O cérebro dele está trabalhando mais que o seu – ele só está levando mais tempo para obter as respostas”. (FRANK 2003, p.10)

Na escola, quando os professores não têm compreensão do que vem a ser a dislexia e não conseguem identificar esse distúrbio, acabam por discriminar as crianças disléxicas, achando que pode ser desleixadas, preguiçosas, imaturas, entre outras, e isso atrapalha o desenvolvimento destas crianças.

Vang (2012), no site distúrbios de aprendizagem na escola, classifica as características da dislexia, conforme a figura 2:



Figura 2 – Ilustração das Características da Dislexia

Fonte: <http://pt.slideshare.net/marleneevang/distrbios-de-aprendizagem-na-escola>

Diante destas características da criança disléxica, o professor que tem conhecimento sobre a dislexia consegue identificar e oferecer o devido acompanhamento para o desenvolvimento da criança disléxica. Sendo necessário alterações quanto à forma de ensinar e à metodologia aplicada. Por isso, é importante que os professores fiquem atentos aos sinais da dislexia para obterem um bom resultado em sala de aula.

### Desenvolvimento da aprendizagem de leitura e escrita da criança disléxica

Nas crianças que não nascem com dificuldades, os sintomas podem aparecer ao longo do tempo, principalmente no início da vida escolar, quando começam a aprender a ler e a escrever. Ao perceber que a criança apresenta sintomas da dislexia, o educador precisa orientar a família a procurar um profissional especializado que possa ajudá-la, apesar da dislexia não ter cura. O educador tem o papel de acompanhar o desempenho dessa criança, respeitando suas limitações e sua maneira de ver e entender o mundo. Segundo Frank (2013) "À medida em que vamos descobrindo mais coisas sobre a dislexia, nossos métodos para aprender a lidar com ela vão continuar melhorando" (FRANK, 2003,p.13). A criança disléxica apresenta autoestima baixa e

necessita de um profissional capacitado a ajudá-la a conviver com seu distúrbio. Cabe à equipe de educadores mediar esse conhecimento e, assim, evitar que o aluno desista da escola. Segundo Morais (1995)

A escola torna-se um ambiente aversivo e gerador de ansiedade, pois é nesse local que a criança se depara frente a frente com seus problemas e com as exigências de ter uma boa produção para poder passar de ano. (MORAIS; 1995)

A criança disléxica precisa ser acolhida pela escola, pois sua dificuldade no aprendizado tende a deixá-la constrangida e com medo das notas e de não ser aprovada. É importante que escola esteja preparada para receber crianças com diferenças. Quando uma criança é diagnosticada com esse distúrbio, é preciso interferir no seu cotidiano, tanto o escolar quanto o social e, assim, evitar consequências que possam marcar sua vida. É necessário o diálogo do professor com o aluno e com a família.

[...] A criança com dificuldade de aprendizagem não deve ser "classificada" como deficiente. Trata-se de uma criança normal que aprende de uma forma diferente, a qual apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperado. Não pertence a nenhuma categoria de deficiência, não sendo sequer uma deficiência mental, pois possui um potencial cognitivo que não é realizado em termos de aproveitamento educacional. (FONSECA; 1995, p. 64)

A tendência do aluno disléxico é ter a autoestima baixa e sentir vergonha de si mesmo, ele precisa de pessoas que o apoiem, precisa saber que pode contar com seu educador e com sua família para superar as dificuldades. Cabe à escola, neste caso, buscar soluções junto com a equipe pedagógica, profissionais da área e com o próprio aluno, o mais breve possível, no sentido de ajudar na aprendizagem do aluno com dislexia.

Segundo Fonseca (1995), pode-se concluir que os professores, assim como as escolas, devem trabalhar com competência e dedicação, revendo seus métodos de ensino e adaptando-os quando necessário. Para que, assim, atraiam e mantenham os alunos na escola, onde terão a oportunidade de aprender a ler e a escrever. Resultando também na melhoria das estatísticas quanto ao fracasso escolar. Embora não possamos negar que, independente do tipo de escola ou sala de aula, há alunos que realmente apresentam dificuldades de aprendizagem e devem ser diagnosticados e tratados devidamente por um profissional competente e ter o apoio do professor e da família.

Para Kappes (2012) os pais precisam ser informados e orientados pelo professor e coordenação da escola se seu filho possui um distúrbio de aprendizagem que necessite de ajuda diferenciada, como acompanhamento de profissionais que possam ajudá-lo.

É difícil para os pais aceitarem. Mas esta é uma ação necessária para auxiliar a criança que vive esta situação todo dia na escola? Enfrentando o preconceito ou até mesmo o bullying. Assim, cabe aos pais e à escola mostrarem a essa criança que nada mudou com essa revelação e que juntos eles vão superar ou minimizar essa dificuldade, jamais chamando ou criticando o disléxico com palavras tipo "burro" ou comparando-o com seus irmãos ou algum aluno da classe.

Kappes (2012) afirma “é importante que os pais focalizem o que a criança faz melhor, encorajando-a a fazê-lo, não deixando que ela desista, mesmo que ela considere difícil, tentando tranquilizá-la, fazendo com que ela se sinta valorizada como pessoa e deixando-a mais segura”.

Segundo Frank (2003) algumas atitudes são importantes para o apoio à criança com dislexia, tais como:

- Palavras fazem a diferença: palavras de encorajamento e de confiança são essenciais para as crianças. No entanto, elogios vazios não adiantam. O esforço também deve ser elogiado e não só o resultado;
- A importância das ações: a atitude dos pais é muito importante para moldar a autoestima do filho, sendo que as ações falam mais alto do que as palavras. É importante dizer que ele é um bom jogador de futebol, mas é necessário, também, acompanhá-lo aos jogos;
- Estilo eficiente de cuidados: determinar regras e limites claros e consistentes permitem que o filho saiba o que é esperado dele;
- Vivência do sucesso: a criança precisa de um lugar onde possa brilhar, seja no esporte, na arte ou em qualquer outra área que ela deseje. Fazer parte de uma equipe é uma maneira maravilhosa de conhecer pessoas, aprender sobre os outros e contribuir;
- Voluntariado: quando uma criança ajuda outras pessoas que precisam de atenção, como asilos, hospitais ou instituições de caridade, ela descobre que ajudar aos outros faz bem e sai da condição de receber tanta atenção especial dos outros e passa a dá-la. Isso pode ser um alívio e uma satisfação;
- Aplicação de habilidades: o disléxico precisa de auxílio nas questões, principalmente, de leitura e escrita. Tudo o que ele puder e souber fazer sozinho deverá fazer sem a ajuda de outros. Ele tem muitas habilidades.
- Assumir responsabilidades: a dislexia não torna ninguém um “coitadinho”. É preciso que o disléxico também assuma responsabilidades dentro do núcleo familiar. Isso contribuirá para que ele se sinta útil;

É importante ressaltar que o bom ou mau prognóstico da dislexia não depende apenas de fatores biológicos e neurológicos, mas do diagnóstico precoce e, conseqüentemente, da rápida reabilitação. Isto permitirá uma maior integração da criança com a escola, facilitará a aceitação e inserção social da criança na sociedade dos letrados.

A sociedade deve tomar conhecimento da dislexia para que a falta de informação não crie um estigma, para que as crianças inteligentes e criativas não sejam marginalizadas e postas de lado no processo de inclusão social, por meio da educação e da cultura.

Segundo Nunes (1992), as crianças disléxicas são as que têm dificuldade na aprendizagem na leitura e na escrita maiores do que se esperaria a partir do seu nível intelectual. Embora com as mesmas condições que as outras crianças para aprender a ler, recebendo motivação adequada, apoio satisfatório dos pais e capacidade

intelectual normal ou até mesmo acima do normal, avançam na alfabetização de forma mais lenta do que seus colegas de mesma idade e com a mesma condição intelectual.

Diante a observação de Nunes (1992), percebe-se que as crianças apresentam dificuldades em relação à leitura e à escrita, por isso, é necessário que o professor detenha conhecimento sobre a dislexia, para poder auxiliar o seus alunos. Pois, a forma como o professor transmite o conhecimento pode interferir na vida escolar do aluno, dificultando ou facilitando a sua aprendizagem.

Num trabalho de revisão da literatura sobre o tema, o autor afirma que o processo de aquisição da leitura pela criança pode ser afetado por diversos fatores, alguns deles decorrentes de causas não específicas e outros de dificuldades específicas de leitura (ou dislexia). As causas não específicas podem ser de origem física, mental, emocional, cultural, socioeconômica e educacional. Segundo Pinheiro, "as crianças, cujo desempenho é afetado por qualquer desses fatores, exceto aquelas com deficiências mentais severas, embora tenham uma leitura pobre, têm potencial normal para a aquisição dessa habilidade. Entre essas causas não específicas que dificultam a aprendizagem da leitura, as mais frequentes são as decorrentes de fatores emocionais e sociais." (PINHEIRO 1995,p. 107).

São muitas as dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem de leitura e escrita da criança disléxica e os problemas mais comuns, de acordo com Condermarin (1986), são os seguintes:

- Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras: me-em; sol-los; som-mos; sallas; pal-pla. Substituição de palavras por outras de estrutura mais ou menos similar ou criação de palavras, porém com diferentes significados: soltou/salvou; era/ficava. Contaminações de sons.
- Adições ou omissões de sons, sílabas ou palavras: famoso substituído por fama; casa por casaco. Repetições de sílabas, palavras ou frases. Pular uma linha, retroceder para linha anterior e perder a linha ao ler. Excessivas fixações do olho na linha. Soletração defeituosa: reconhecer letras isoladamente, porém sem poder organizar a palavra como um todo, ou então ler a palavra sílaba por sílaba, ou, ainda, ler o texto "palavra por palavra". Problemas de compreensão.
- Leitura e escrita em espelho, em casos excepcionais. Ilegibilidade. Ao escrever, a criança ocupa toda a largura da página.
- Escreve palavras com todas as letras iguais, exemplo: BATATA/AAA. Palavras diferentes são escritas da mesma maneira, exemplo: SUCO/UO. Os nomes próprios são escritos pela metade, exemplo: ANA- AA.

Existem também as perturbações de aprendizagem, que estão relacionadas com a falta de aptidão para adquirir, reter ou utilizar informação em consequência de deficiência na atenção, na memória e no raciocínio que afetam o rendimento escolar, e segundo (Condermarin,1986), as mais comuns são:

- **Alterações na memória:** algumas crianças apresentam dificuldades para lembrança imediata de fatos passados, não conseguem lembrar palavras ou sons que escutam, têm dificuldade em memorizar visualmente objetos, palavras ou letras. Alterações na memória de séries e seqüências: tais como os dias da semana, os meses do ano, o alfabeto e as horas.

- **Orientações direita-esquerda:** as crianças são incapazes de orientar-se com propriedade no espaço e aprender a noção de direita e esquerda. Não conseguem situar a direita e a esquerda em seu próprio corpo ou quando olham outra pessoa.
- **Linguagem escrita:** quando a criança não consegue ler com facilidade, tampouco consegue utilizar com propriedade os símbolos gráficos da expressão escrita. Quando escreve, revela sinais de confusões, inversões, adições, omissões e substituições. Dificuldades em matemática: não consegue entender a formulação do problema.

## A ESCOLA E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS DISLÉXICAS

As escolas atualmente estão preparadas para receberem os alunos com dislexia? Será que os professores são capacitados para receberem, em sala de aula, esses alunos, juntamente com grupo gestor e os demais membros da escola? Sendo que a inclusão é um direito de todos?

Todas as crianças têm possibilidades de aprender e gostam de fazê-lo e, quando isso não ocorre, é porque alguma coisa não está indo bem.

Neste momento é necessário que, tanto o professor como os demais profissionais responsáveis pelo processo de aprendizagem, se questionem acerca dos fatores que podem estar contribuindo para que o aluno não consiga aprender. (MORAIS 2006, p. 24)

É papel do educador observar e orientar o desenvolvimento da aprendizagem na leitura e na escrita das crianças que apresentarem dislexia, podendo, assim, ajudar o educando a ter uma qualidade de ensino melhor. O educador precisa conhecer sobre a dislexia e buscar mais informações a respeito para poder elaborar meios e atividades para ajudar a criança. Sabendo que existem vários tipos de dislexia e que nenhuma criança é igual a outra. O professor deve ser a peça chave para ajudar a criança a superar as dificuldades e conseguir se desenvolver.

A escola deve orientar a família do educando a procurar ajuda de um profissional para avaliação clínica e consequente melhoria do desempenho da criança na escola. A família e a equipe escolar devem trabalhar em conjunto para obter um melhor resultado da criança disléxica, oferecer alternativas para os educandos com dificuldades, por meio de atividades e projetos diferenciados, que possam auxiliar melhor esses educandos, para que eles consigam aprender. O contato dos professores, juntamente com a escola, pode ajudar o aluno a lidar melhor com a dislexia.

A educação se faz cada vez mais integral, quanto mais inclusiva for, as alterações que provoca, promovem alterações no meio social dos alunos, da escola e da comunidade escolar e são consideradas pré-requisitos para o progresso do desenvolvimento e para o exercício da cidadania (FORTES 2013, p.13)

Na pré-escola a criança começa a apresentar sinais de dificuldades tanto na escrita como na leitura, na pré-escola o educador consegue desenvolver a capacidade cognitiva da criança considerada normal ou disléxica. Segundo Varella (2013), é de extrema importância estabelecer o diagnóstico precoce para evitar que sejam atribuídos aos portadores do transtorno rótulos depreciativos, com reflexos negativos sobre sua autoestima e em seu projeto de vida.

De acordo com Varella (2013), é de suma importância o desempenho do disléxico na pré-escola, pois a criança já cresce sabendo lidar com a situação, adquirindo maneiras de como melhorar na aprendizagem, sendo acompanhada por um especialista na área, para que, lá na frente, a criança não passe por maiores dificuldades.

No primeiro ano, o aluno disléxico costuma ter bom desempenho em todas as matérias (Matemática, Ciências, História, Geografia, entre outros), menos em Português (leituras, redações, cópias, ditados). Em anos mais adiantados, também poderá ter baixo aproveitamento em Matemática, devido às dificuldades de compreensão do enunciado dos problemas e consequente prejuízo do raciocínio que a resolução dos mesmos requer. (SANTOS, 1986, p.8).

As crianças com dislexia apresentam mais dificuldade do que as demais crianças e, às vezes, isso faz com que um professor desentendido do assunto comece a achar que a criança é 'preguiçosa' ou tem certo tipo de 'déficit de atenção', mas na verdade a criança possui o distúrbio da dislexia. Por isso, é importante perceber a dislexia já no início dos estudos, para que a criança com dificuldade obtenha um maior apoio no desenvolvimento da sua aprendizagem.

As repercussões da dislexia são consideráveis tanto no âmbito escolar como no comportamento da criança, podendo gerar perturbações. A criança disléxica é geralmente deprimida pelo repetido esforço na tentativa de vencer as dificuldades e, muitas vezes, se mostra agressiva ou angustiada, precisando de atenção e cuidados.

Segundo Socorro Bernardes, psicopedagoga, psicanalista clínica e professora na área de atendimento educacional especializado, existem algumas estratégias para melhorar a qualidade da memória visual:

- Criar imagens visuais: como pedir à criança que feche os olhos e imagine um brinquedo, por exemplo: uma bola;
- Realizar conexões ou associações: associar letras a imagens, exemplo C com casa, D com dado, ou cores com imagens, vermelho com coração, verde com limão, marrom com urso (explicar que nem todos os ursos são marrons), etc.;
- Dar as instruções de várias maneiras: dar as instruções tanto de forma oral quanto utilizando imagens, sons, ou até mesmo fazendo um pequeno teatro, é bastante divertido;
- Apresentar ilustrações com letras: mostre as ilustrações à criança e peça que ela a memorize e depois as reproduza no papel. A quantidade de letras pode ir aumentando de acordo com a idade da criança.

Como vimos, as crianças com dislexia apresentam dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita. As escolas e os educadores precisam adequar os seus métodos, com o objetivo de facilitar a vida escolar do

dislético. A dislexia é um grave problema escolar e os profissionais da educação precisam se conscientizar e orientar a família da criança. O aprendizado da leitura e da escrita são objetos fundamentais e funcionam como uma mola propulsora para o alcance da aprendizagem de todas as matérias. Um aluno com dificuldades de leitura e de escrita levará esta dificuldade para todas as matérias, o que provocará nele um desânimo e a diminuição da autoestima.

Segundo Alves (2014): "Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo, pássaros engaiolados são pássaros sob controle; escolas que são asas amam os pássaros em voo, elas existem para dar aos pássaros coragem para voar; o voo não pode ser ensinado, só pode ser encorajado!".

É pensando assim que entendemos que o professor é uma peça fundamental para encorajar e estimular o aluno dislético na sua aprendizagem, para que ele possa "voar" na busca do conhecimento.

O professor deve buscar maneiras para auxiliar o aluno com dislexia, ter conhecimento sobre esse distúrbio de aprendizagem e paciência para trabalhar com esse aluno. A criança dislética precisa ter uma aprendizagem diferenciada das outras, o professor deve ajudar a criança a ter um ambiente escolar no qual consiga aprender a ler, escrever, entre outras habilidades, apesar de suas dificuldades.

Segundo Oliveira (1997), muitos professores, preocupados com o ensino das primeiras letras e não sabendo como resolver as dificuldades apresentadas por seus alunos, por vezes, os encaminham para clínicas especializadas que os rotulam como doentes, incapazes ou preguiçosos. Na realidade, muitas dessas dificuldades poderiam ser resolvidas dentro da própria escola.

Se o professor não dominar técnicas de como trabalhar com a criança dislética, acaba por agravar ainda mais o quadro da vida escolar dessa criança. Portanto, é necessário que o professor e a escola trabalhem em parceria com os pais, para que o aluno dislético se sinta motivado e aumente a sua autoconfiança.

O professor deve sempre valorizar o que o aluno faz, mesmo que esteja errado. Isto ajuda o aluno a superar o trauma e a seguir em frente. O educador deve estimar todo o esforço do aluno, respeitando o seu ritmo, sabendo que o dislético precisa de mais tempo para pensar, para entender as coisas que têm que ser feitas. O maior sentimento, além do 'amor' que o professor precisa ter é a 'força de vontade', pois só assim conseguirá ajudar o aluno com dislexia.

Segundo Cogan (2002), os professores devem saber que os alunos com dislexia podem ser bem sucedidos na escola se usufruírem de diferentes formas de ensino, por este motivo, os docentes devem proceder as alterações no currículo, ou seja, devem lembrar-se que a criança é capaz de aprender, mas de uma forma diferente, promovendo uma visão positiva da leitura, dado que, neste domínio, a frustração sentida pela maior parte dos alunos com dislexia conduz a uma motivação muito reduzida para aprender a ler.

De acordo com Cogan (2002), entende-se que neste sentido deve-se reconhecer que uma criança com dislexia pode demorar mais tempo a aprender e, por consequência, demora mais tempo na realização das tarefas;

que necessita de instruções mais claras, precisas e de um ritmo mais lento ou repetitivo, valorizando as capacidades da criança e procurando ensiná-la, apoiando e reforçando os seus pontos fortes.

Com tudo isso, o professor poderá minimizar as dificuldades de aprendizagem causadas pela dislexia, respeitando os limites dessa criança; sempre conversando com os outros alunos sobre a dislexia, para que não haja preconceito e o aluno disléxico não se sinta discriminado dentro do ambiente escolar.

Deve haver uma boa relação entre o professor e o aluno, com muita atenção, compreensão para que a criança se sinta como os demais colegas. Para que o aluno com dislexia consiga um bom desenvolvimento na aprendizagem, o professor deve buscar meios diferenciados para a condução deste processo, tais como: computador, arte, música, esportes, entre outros, que ajudam na aprendizagem do aluno disléxico.

O professor não deve insistir em exercícios de fixação repetitivos, pois isso não ajudará a melhorar as dificuldades do disléxico. Os acertos devem ser valorizados pelo professor, na hora da explicação o professor deve usar linguagem direta e clara para melhor compreensão do aluno e verificar se ele entendeu.

Os alunos com dislexia são inseguros no ambiente escolar, com isso é necessário que o professor, juntamente com a escola, prepare o ambiente para amenizar as dificuldades de aprendizagem desses alunos para que a inclusão seja efetivada.

É importante compreender que tudo demora mais para a criança com dislexia: escrever, ler, seguir direções, estudar. Ela tem de se empenhar mais do que seus colegas. Mesmo se usar todas as estratégias de cópia disponíveis, ainda vai demorar mais que a maioria das outras crianças para terminar a lição. Uma tarefa simples como procurar um número na agenda de telefones, pode tornar complicada para uma criança ou adulto com dislexia. O disléxico não é pouco inteligente. O cérebro dele está trabalhando mais que o seu ele só está levando mais tempo para obter as respostas. (FRANK 2010, p.1)

O primeiro passo a ser feito é a preparação dos profissionais da educação, que necessitam de capacitação e de conhecimento a respeito do problema, para que possam receber as crianças disléxicas e evitar maiores transtornos. As crianças disléxicas necessitam de um ambiente escolar compreensivo, onde recebam apoio e ajuda para superar as dificuldades no processo da leitura e escrita, com tratamento especializado e diferenciado. Segundo Diniz (2007)

Todos os educadores, sejam pais ou professores, devem ter como base ética o compromisso de acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem da criança, buscando novas formas de aprendizagem e novos programas e processos de ensino que possam colaborar para a inclusão dessa criança no mundo das letras, ajudando-a a sobreviver dentro deste único modelo de escola que existe. (DINIZ; 2007)

Diante disso, e por ser o professor quem deve buscar formas para facilitar a vida do disléxico dentro da sala de aula, como por exemplo: passar para o aluno o resumo do programa a ser estudado; propor trabalhos em grupo; trabalhar com dramatizações, teatros; permitir ao aluno o uso de tabuadas, calculadoras e dicionários; dar tempo para que ele tire suas dúvidas; ler enunciados e ver se estão entendendo o que está sendo pedido; orientar o aluno na organização das suas atividades; diversificar os recursos usados em sala de aula, como:

slides, vídeos, projetor, além de usar de forma organizada o quadro-negro; evitar orientações orais e escritas ao mesmo tempo; avisar ao aluno, com antecedência, quando for trabalhar leitura; não pressioná-lo e nem amedrontá-lo dizendo que vai repetir o ano; não insistir para que o aluno leia em voz alta em sala de aula; propor estratégias lúdicas que favoreçam a aprendizagem; oferecer tarefas que ele se sinta útil; e, principalmente.

É na aprendizagem da leitura e escrita que o distúrbio é percebido, sendo necessário que profissionais especializados, como fonoaudiólogos, psicopedagogos e psicólogos orientem adequadamente a escola e a família, no sentido de buscar o equilíbrio emocional da criança. Esse equilíbrio permitirá um melhor resultado no tratamento com o profissional, que ajudará a criança no seu desenvolvimento escolar, a família no auxílio à criança, e à escola na melhor maneira de ajudar o aluno no seu dia a dia. É por isso que é importante que o professor, ao perceber no aluno alguma dificuldade, comunique e oriente a família.

### **Narrativas das dificuldades de uma aluna disléxica**

Segue a narrativa da aluna Isadora de Oliveira Souza, que acredita que expando a sua vivência poderá ajudar a outros alunos disléxicos e, também, aos educadores, alertando para a necessidade de geração de novas possibilidades no processo ensino e aprendizagem.

*O eu que importa é aquele que há sempre além daquele que se toma habitualmente por sujeito: não está por descobrir, mas por inventar; não por realizar, mas por conquistar; não por explorar, mas por criar da mesma maneira que um artista quando cria uma obra. Para chegar a ser o que se é, tem que ser artista de si mesmo. (LARROSA, 2002b, p. 76)*

Eu, Isadora de Oliveira Souza, 26 anos, tenho dislexia. Sou aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Uni-Anhanguera. Entrei na escola com um ano e oito meses. Sempre tive muita dificuldade na escola, em todas as matérias. Ficava sempre de dependência. Reprovei um ano. Lembro que tinha habilidades com arte, gostava de desenhar, pintar, de teatro, de participar dos folclores na escola, mas, na hora de ler, escrever e entender o que estava lendo, era difícil.

Quando lia o primeiro parágrafo e começava o segundo já não lembrava ou não sabia o que tinha lido no primeiro, ainda hoje não entendo. Via as letras dançando no quadro e tinha dificuldades de ler. Falava para minha mãe e ela me levava no oftalmologista e ele dizia que eu tinha a visão perfeita.

Sempre tive muita dificuldade em escrever, troco muito as letras. Tinha e tenho dificuldade com matemática, decifrar enunciados de problemas e tabuada. Sempre precisei da minha mãe para estudar, ela sempre leu e me explicou tudo o que eu lia, me ajudava nos trabalhos escolares e, com a ajuda dela, fui conseguindo seguir em frente.

Por ter dificuldades, eu me sentia menos inteligente que meus colegas, muitas vezes me sentia burra mesmo. “Eu nunca faltava à aula, mesmo doente, lutava para ir à aula, pois se sendo uma aluna frequente já tinha dificuldades, se faltasse, no outro dia seria pior”.

Os adultos são importantes para a vida de uma criança disléxica – especialmente seus pais e professores – desempenham um papel fundamental na determinação de seu perfil futuro” (SHAYWITZ, 2006, p.139)

Os professores me achavam desinteressada, mas sempre fiz todas as minhas tarefas, não faltava à aula, estudava em casa com minha mãe e parece que nada adiantava. Sempre tentei fazer minha parte e não entendia porque não conseguia, me perguntava porque todos entendiam e eu não, pensava mesmo que era burrice.

Lopes (2010), afirma:

as situações de dificuldades de aprendizagem devem ser diagnosticadas e avaliadas o mais rápido possível na escola, para iniciar o quanto antes a intervenção. É fundamental que o avaliador seja de confiança, promovendo a aceitação do estudante, dos pais e professores. Os instrumentos devem possuir características que permitam uma avaliação eficaz do problema e forneçam pistas para a intervenção, lembrando que não é possível avaliar dificuldades em competências que ainda não foram ensinadas, devendo ser focalizada nas áreas deficitárias e nos processos envolvidos. (LOPES; 2010)

Sempre tive uma boa relação com os professores e principalmente com os colegas. Eu me escondia atrás das coisas que conseguia fazer, gostava de brincar, procurava ser amável com todos e fazendo tudo para compensar a dificuldade que tinha e tenho.

Minha mãe procurou vários profissionais, fonoaudiólogo, psicopedagogo, psicólogo, neurologista e professores particulares, mas ninguém nos ajudava. Sempre ficava para recuperação e até o 2º grau ninguém soube nos ajudar, eu nunca quis falar e proibia minha mãe de falar sobre as minhas dificuldades e contar que estávamos procurando ajuda, pois achava que seria pior, que aí mesmo é que me achariam “burra”.

Também se faz importante organizar um sistema de apoio: os pais, os professores e alguns amigos que possam ajudá-lo a resolver as situações do dia a dia. Estar perto de pessoas que possam auxiliá-lo é sempre bom, pois isso pode lhe dar mais segurança. E, como toda relação envolve dar e receber, a criança precisa saber agradecer àqueles que a ajudam e a oferecer ajuda sempre que puder. Afinal de contas, a dificuldade do disléxico está em ler e escrever. Ele pode ajudar às outras pessoas em muitas outras situações. “[...] Incentive seu filho a se ver como uma pessoa que tem algo a dizer e a quem as pessoas respeitam. Discuta as decisões importantes com ele” (SHAYWITZ, 2006, p. 243).

Muitas vezes, eu chegava em casa e chorava muito, pois não sabia o que fazer para melhorar, cheguei a ter depressão.

Depois de ter mudado de escola várias vezes, por orientação de uma fonoaudióloga que me acompanhava - pois ela achava que eu não estava me adaptando ao método da escola - nada mudava. Então minha mãe resolveu me transferir para uma escola pública, achando que a particular talvez fosse muito pesada e, assim, eu não seria desestimulada e não me sentiria desanimada.

Nesta época uma amiga da minha mãe indicou uma psicóloga que, enfim, nos ajudou. Essa psicóloga, juntamente com uma neurologista e um psiquiatra, fizeram uns testes e diagnosticaram a dislexia e eu e minha mãe ficamos três anos sendo acompanhadas por eles, foi quando melhorou um pouco a minha autoestima.

Nunca tive uma aula diferenciada, adequada para o meu problema, sempre fui ajudada pela minha mãe e hoje vejo a importância de a escola ter métodos mais voltados para a inclusão da criança disléxica e a necessidade de um diagnóstico ainda na pré-escola, pois é um distúrbio que não tem cicatrizes externas, mas profundas dores internas.

A maior recomendação que eu poderia fazer a educadores e terapeutas que trabalham com crianças e jovens disléxicos é: aceitação! Aceitem o que uma criança pode fazer bem e não a inferiorizem pelo que ela não é capaz de realizar, cada um de nós têm suas próprias capacidades e dificuldades.

*Se uma criança não é capaz de operacionalizar cálculos matemáticos, e daí? Compre-lhe uma calculadora e ela há de sentir-se muito melhor consigo mesma do que com o rótulo de 'burra' para o resto de sua vida (LUCZYNSKI, 2002, p 3)*

Resolvi relatar, neste trabalho, acreditando que se guardar a minha vivência com certeza não conseguirei ajudar outra pessoa que está passando pelo que passei, e que relatando o meu caso poderei ajudar e mostrar para aqueles que estão desanimados que vale a pena lutar, eu consegui e você também conseguirá”.

### **Vivência da família no desenvolvimento da aprendizagem do caso estudado**

A mãe da aluna Isadora, Eliacy, se dispôs a narrar sua experiência como mãe de uma aluna disléxica. Ela reconhece que não foi fácil esta decisão, mas acredita que com esse relato poderá ajudar educadores e pais de alunos disléxicos, mostrando que é possível vencer, “Muitas vezes fui desanimada, mas sempre optei em não desistir”.

A mãe começa expondo sua intenção com este relato

*Faço este relato na certeza que estou contribuindo com as crianças disléxicas que estão passando dificuldades em escolas. Meu objetivo é alertar os alunos do curso de pedagogia a olhar com cuidado e carinho para cada aluno “diferente” que venha frequentar a sua sala de aula, que vocês possam ajudar esta criança e orientar sua família na busca de ajuda. (ELIACY, 2016)*

De acordo com a mãe, com um ano e oito meses Isadora entrou para o maternal, uma criança ativa, alegre, falante, que sempre se relacionou muito bem com os colegas e professores e gostava muito da escola. Quando iniciou a alfabetização, Isadora começou a apresentar dificuldades, trocava as letras, tinha dificuldades em formar palavras. A mãe conta que tentava ensiná-la, mas parece que tudo que ela ensinava complicava ainda mais a “cabecinha” dela. A professora dizia que a mãe é que estava confundindo Isadora, que parasse de ensiná-la, a mãe então tentou, mas via que as dificuldades se acumulavam.

*Procurei um neurologista para fazer um teste para ver se ela tinha algum problema neurológico e o diagnóstico foi negativo. Então, continuei tentando ajudá-la e sempre ia à escola conversar com a professora e nada adiantava, os professores queriam que eu entendesse que era falta de interesse da Isadora, mas eu conhecia minha filha e sabia que existia algo mais, e continuava buscando ajuda. (ELIACY, 2016)*

Segundo a mãe, ela procurou também uma psicopedagoga e durante meses nada adiantou. Por ela trocar muito as letras e pela dificuldade de ler e escrever, foi orientada pela psicopedagoga a procurar uma fonoaudióloga e, durante uns quatro anos, esta fonoaudióloga tentou nos ajudar.

A primeira orientação da fonoaudióloga foi mudar a Isadora de escola, pois o método não se adequava à sua filha, e assim mudou várias vezes de escola.

E ainda no decorrer do tratamento ela passou a ajudar a Isadora nas tarefas escolares três vezes por semana, e nada mudava, a mãe via que a filha estava ficando triste, calada. Muitas vezes a mãe achava que a filha tinha mesmo falta de interesse, pois, diante de tantos profissionais, só a mãe via que tinha alguma coisa errada. Muitas vezes, a mãe pensava que ela própria não queria ver a realidade e quando conversava com a Isadora sobre as dificuldades na escola percebia que ela não respondia e só olhava. Segundo a mãe, aquele olhar doía por dentro.

Foi aí que resolvi procurar uma psicóloga e contei tudo que tinha acontecido até aquele momento e também do incômodo que eu sentia de ver a Isadora calada diante dos meus questionamentos. A psicóloga me orientou a comprar um diário e conversar como se fosse uma confidente dela e registrasse tudo no diário. Foi ótimo para fazer a Isadora voltar a falar o que estava sentindo, mas nada de mudança na escola, continuava com muita dificuldade com a leitura, escrita e matemática. Ela não conseguia entender o enunciado de um exercício, eu sempre tinha que ler e explicar, e assim fomos seguindo. Na oitava série transferi a Isadora para uma escola pública, entendendo que poderia facilitar a vida dela e a minha, pois a escola pública é mais fraca". (ELIACY, 2016)

Na escola pública, assim como na particular, nada mudou, diz a mãe. O estudo poderia ser mais 'fraco', mas nenhum acompanhamento especial, nenhuma observação por parte dos professores ou direção da escola. Muitas vezes, depois que a Isadora entrava em sala de aula, a mãe ia até a secretaria conversar com a diretora ou coordenadora e explicava que a filha tinha dificuldade de aprendizagem e que não se importava se ela repetisse o ano, só não queria que Isadora fosse taxada de burra ou desinteressada, pois não queria que a filha desanimasse.

A criança com dislexia precisa de uma pessoa persistentemente encorajadora, alguém que lhe dê apoio e o defenda inflexivelmente; que atue como um incentivador quando as coisas não estão indo bem; que seja seu amigo e confidente quando lhe façam chacota e o deixem envergonhado; um defensor que, por ações e comentários, expresse otimismo para o futuro. Talvez o mais importante de tudo seja o fato de o leitor precisar de alguém que não apenas acredite nele, mas que traduza tal sentimento em ações positivas, compreendendo a natureza do problema de leitura e que, depois, trabalhe de maneira incansável para garantir que o leitor receba o auxílio e o apoio que precisa. A experiência me tem demonstrado que se uma criança receber esse auxílio, terá sucesso (SHAYWITZ, 2006, p.139)

E quando a filha estava iniciando o segundo grau, por meio de uma amiga de trabalho, a mãe foi apresentada para uma psicóloga que a ajudou a entender tudo. A psicóloga, juntamente com um psiquiatra e uma neurologista, fizeram várias sessões junto com a Isadora e outras com a mãe. E assim, diagnosticaram que Isadora

era disléxica. Nesta época, Isadora estava com uma depressão profunda e as duas passaram a ser tratadas e orientadas por eles, e as coisas foram clareando e a menina terminou o segundo grau.

Quando a filha terminou o segundo grau, a mãe tentou convencê-la a fazer uma graduação de dois anos e meio. Ela iniciou, mas desistiu, pois queria cursar uma faculdade igual à que a maioria das pessoas faz, e não uma de dois anos, senão ela se acharia incapaz. Foi quando escolheu cursar pedagogia. Segundo a mãe, foi muito bom para Isadora, principalmente os estágios. A mãe percebeu que a filha se identificou com alguns alunos que tinham dificuldades, procurou ajudá-los e, principalmente, tratou-os com respeito. A mãe finaliza dizendo:

“Fico muito feliz por vê-la chegando ao final do Curso de Pedagogia e eu confesso que não foi fácil para nenhuma de nós, mas também sei que ela não vai parar aqui e que eu tenho que continuar com ela enquanto for possível”. (ELIACY, 2016)

### Conclusões

Durante a pesquisa, observamos que existem vários tipos de dislexia e que o processo de aprendizagem da criança disléxica não é simples. Ela tem grande dificuldade em assimilar o que é ensinado pelo professor, é muito dispersa, tem tendência em confundir ou trocar letras e na alfabetização é mais lenta.

Na escola, os professores, quando não têm compreensão do que vem a ser a dislexia e não conseguem identificar os alunos que têm esse distúrbio, acabam por discriminar os alunos achando que são desleixados, preguiçosos, imaturos e isso atrapalha o desenvolvimento deles.

Aprender a ler, para a maioria das crianças, é simples e fácil. Mas o disléxico necessita de acompanhamento especializado. Ao perceber que a criança apresenta sintomas da dislexia, o educador deve chamar a família e orientá-la a procurar um profissional especializado e, juntamente com a família, acompanhar o desenvolvimento dessa criança.

A dislexia normalmente é percebida na pré-escola e é justamente nessa fase que se faz necessário começar o trabalho dos educadores e familiares, pois o diagnóstico precoce é, sem dúvida, muito importante no processo de desenvolvimento da aprendizagem de leitura e da escrita, e evitará a exposição da criança, e que recebam rótulos inapropriados.

É importante saber que os efeitos da dislexia vão além do corpo e da inteligência, afetam sentimentos. Ao sofrer constantes discriminações, as crianças disléxicas perdem a confiança em si próprias, o que gera uma baixa autoestima, e o professor é muito importante na mediação dos conflitos no processo educativo, elas precisam ser acolhidas pela escola.

O professor deve buscar maneiras para auxiliá-los, ter conhecimento sobre esse distúrbio de aprendizagem e paciência para trabalhar com esses alunos. A criança disléxica precisa ter uma aprendizagem diferenciada das outras, o professor deve ajudá-la a ter uma vida escolar na qual ela consiga ler e escrever,

apesar de todas as dificuldades que enfrenta. Em primeiro lugar, o professor deve aceitar a inclusão para poder ajudar a criança com dislexia, adotar programas de estudos especializados para cada criança, passar para as crianças, que não possuem o distúrbio, o que vem a ser a dislexia, para que não haja preconceito em sala de aula. Sempre elogiar a criança disléxica pelos seus talentos e atitudes, não a colocando em situação de fracasso.

Percebemos, por meio dos relatos autobiográficos e pesquisas, que as escolas não estão preparadas para a inclusão da criança disléxica, que o educador precisa conhecer mais sobre a dislexia, sobre as dificuldades do disléxico. E, para tanto, os professores necessitam de capacitação para trabalhar e transformar as escolas em inclusivas, para que possam atender bem às crianças disléxicas.

Ainda não há pesquisa o suficiente sobre o assunto, e muitas crianças disléxicas estão frequentando escolas não preparadas para recebê-las. Muitas vezes essas crianças desistem por se sentirem burras, e foi na tentativa de ajudar as crianças com dislexia que a aluna Isadora e sua mãe resolveram narrar o que viveram, mostrando as dificuldades de uma criança disléxica que estuda em escola despreparada.

A escolha desse tema se deu, principalmente, pela intenção de melhor compreender as pessoas com dificuldades. E assim, como futuras professoras, melhorar o aprendizado dos alunos, auxiliando-os na superação das dificuldades, de modo a desenvolver as suas potencialidades e, inclusive, no auxílio dos alunos disléxicos perante a leitura e a escrita. No estudo realizado, podemos perceber que quanto maior for o número de professores que conhecem a dislexia, mais alunos terão sucesso no seu processo de aprendizagem e menos disléxicos serão rotulados e humilhados.

## Referências Bibliográficas

ABREU; Sónia Isabel Alves de, **Dislexia Aprender a Aprender**. Dissertação. Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa 2012

ALVES, Rubem; **Escolas Gaiolas e Escolas Asas**; Trilhando a Autonomia: ser é conviver 2014, Disponível em <<http://www.tautonomia.com/2014/08/escolas-gaiolas-e-escolas-asas-rubem.html>> Acessado: 22/09/2016

BATISTA, Cristiano José Guimarães; **DISLEXIA: O Desafio do Educador nos Dias de Hoje**; vol. 02 Maceió Junho de 2014; Disponível em <<http://docslide.com.br/education/dislexia-desafio-do-educador-nos-dias-de-hoje.html>> Acessado: 10/09/2016

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores** ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

DOMIENSE, Maria do Céu de Souza; **DISLEXIA: Um jeito de ser e de aprender de maneira diferente**; UAB/UNB, Brasília 2011; Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3359/1/2011\\_MariadoCeudeSouzaDomiense.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3359/1/2011_MariadoCeudeSouzaDomiense.pdf)> Acessado: 30/10/2016.

ESQUIVEL, Viviane Silva. **Estratégias Pedagógicas Para Alunos Disléxicos. Tcc** Curso de Pedagogia da Faculdade Cândido Rondon de Campo Verde. Acessado: 18/08/2016

FONSECA, V. da. Introdução Livro: **As dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre, Artes Médicas.1995.

FORTES, Rogério da Costa. **Perspectivas inclusivas no Programa Mais Educação: um estudo de caso.** Programa de Pós-Graduação da UFRS. Disponível em: [http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade\\_ldatahora\\_22\\_10\\_2014\\_13\\_51\\_29\\_idinscrit\\_o\\_1795\\_cc9e2f7a95913e8b32ec4f001a69377b.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_ldatahora_22_10_2014_13_51_29_idinscrit_o_1795_cc9e2f7a95913e8b32ec4f001a69377b.pdf) Acesso em: 05/09/2016.

FRANK, Robert. **A Vida Secreta Da Criança Com Dislexia**. São Paulo: M. Books Do Brasil, 2003.

FONSECA, Joao José. **Metodologia Científica**. UECE – Universidade Estadual do Ceará.2002.

FRANK 2003, **Dislexia- Histórico, caracterização e proposições atuais**; São Paulo 2006/ 2014; Disponível em < <http://www.clinicaceap.com.br/index.php/artigos-mainmenu-124/71-dislexia> > Acessado: 14/08/2016

GONÇALVES, Divina Lucia Souza; NAVARRO, Elaine Crstina; Revista eletrônica interdisciplinar – **como Trabalhar com criança disléxica** Disponível em: <<http://www.univar.edu.br/revista/index.php/interdisciplinar/article/view/116> > Acessado: 23/10/2016

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. PENSADORES & EDUCAÇÃO.

LIMA, Ricardo Franco; SALGADO, Cintia Alves; CIASCA, Sylvia Maria; **Atualidade na Dislexia do Desenvolvimento**; revista: *Psique no portal Ciência & Vida* 2008; Disponível em: <<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/38/artigo127924-3.asp>> Acessado: 14/08/2016

LIMA, Joselma; DOURADO, Queila; ROCHA; Severina; **Atividades Psicomotoras no Contexto Escolar**; Disponível em: <<http://www.profala.com/artpsicomotricidade4.htm>> Acessado: 26/09/2016

MENEZES; Rosilaine de Paula, apud LUCZYNSKI, 2002; **Intervenção Psicopedagógica com Uma Aluna Disléxica**; Porto Alegre 2007; Disponível Em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_arquivos/10/TDE-2008-05-05T124415Z-1233/Publico/400735.pdf](http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/10/TDE-2008-05-05T124415Z-1233/Publico/400735.pdf) > Acessado: 07/10/2016

MORAIS, Antonio Manoel Pamplona. **Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 12. ed. São Paulo: EDICON, 2006.

MUSZKAT, M; RIZZUTTI, Sueli. **O professor e a dislexia**. São Paulo. *Cortex*, 2012 - (Coleção educação & Saúde: v. 8)

NICO, M. A. SOUZA, J. C. **Tradução e adaptação do "Annals of Dyslexia"** volume 53, 2003. Disponível em: <http://www.profala.com/artdislexial4.htm> Acessado: 10/10/2016.

PETRONILO, Ana Paula da Silva; **Dificuldade de Aprendizagem na Leitura e Escrita**; Universidade Federal de Brasília, 2007; Disponível em: <http://docplayer.com.br/6222123-Universidade-de-brasilia-ana-paula-da-silva-petronilo-dificuldade-de-aprendizagem-na-leitura-e-na-escrita.html> Acessado: 29/09/2016.

PINHEIRO, A. M. V. (1995, maio/agosto). **Dificuldades específicas de leitura: a identificação de déficits cognitivos e a abordagem do processamento de informação.**

PINTO (2010); Disponível em: <<http://faculdefamesp.com.br/novosite/wp-content/uploads/2011/12/artigo6.pdf>>

Acessado: 13/08/2016

PIMENTA, Daniela Cristina G. **Dislexia: Um Estudo Sobre a Percepção de Professores do Ensino Fundamental.** CEPAE/Universidade Federal de Uberlândia; Disponível em: <[www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminaro/trabalhos/288\\_1\\_1.pdf](http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminaro/trabalhos/288_1_1.pdf)>. Acessado: 25/08/2016

RODRIGUES, Elizabete; **A Escola e o Professor, oferecendo uma educação conforme as características do aprendente;** Out de 2010 Disponível em: <<http://neuropsicopedagogiaemfoco.blogspot.com.br/2010/10/escola-e-o-professor-oferecendo-uma.html>> Acessado: 01/10/2016

SANTOS, Eclair de Oliveira Silva ET. AL.; **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização;** Nov. de 2008; Disponível em: <<http://cemcriancaesperanca.blogspot.com.br/2012/11/dificuldades-de-aprendizagem.html>> Acessado: 25/08/2016

SANTOS, M.A. **Aspectos Neurológicos da Dislexia.** Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. 2003. Disponível em <http://www.esuda.com.br/biblioteca/monografia/ml008.pdf>. Acessado: 05/10/2016

SANTOS, Cacilda Cuba dos. **Dislexia específica de evolução.** São Paulo: Sarvier, 1986.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SHAYWITZ, Sally. **Os adultos são importantes para a vida de uma criança disléxica – especialmente seus pais e professores – desempenham um papel fundamental na determinação de seu perfil futuro”** 2006. Disponível em : <<https://www.passeidireto.com/arquivo/20457016/dissertacaodislexia/13>> Acessado: 06/10/2016

SHAYWITZ, Sally. **Dislexia: Distúrbio ligado a leitura e escrita.** Disponível em: <<http://psicopedagogainaci.blogspot.com.br/>> Acessado: 18/10/2016.

SOCORRO Bernardes - **Psicopedagoga, Psicanalista Clínica;** disponível em: <http://2.gravatar.com/avatar/e978f2d8666bce879b5de75133dbaa25?s=200&d=mm&r=g> class='avatar avatar-100 photo' height='100' width='100'/> - acessado em 24 de outubro de 2016

TEIXEIRA, S. R. O. **Dislexia na educação infantil: intervenção com jogos, brinquedos e brincadeiras.** 2ed. Rio de Janeiro; Wak Editora, 2014

*Recebida: 20/05/2020 | Aceita: 05/06/2020*